

De invisíveis a símbolo: mulheres negras a partir do imaginário futebolístico brasileiro¹

Yordanna Lara Rêgo²

A proposta deste ensaio, consiste em refletir antropologicamente se a categoria Representatividade é uma possível via de compreensão da construção das identidades étnico-raciais e de gênero em Goiânia, capital de Goiás. Tendo como pano de fundo a História e a Antropologia do Esporte no Brasil (com destaque para o Futebol) e a História das Mulheres em Goiás. Por via do aparato teórico/metodológico da interseccionalidade, proposto pela teoria feminista negra. Em diálogo direto com a produção pioneira da antropóloga Simoni Lahud Guedes. Partirei da análise da representação do imaginário construído a partir da figura da torcedora símbolo do Vila Nova Futebol Clube, Nega Brechó, no documentário “A cor da liberdade é vermelho e branco - Vila Nova Futebol Clube”, de 2018³. Com destaque para dois pontos, que a meu ver, são fundamentais na compreensão da complexidade do que a figura da Nega Brechó representa no imaginário goianiense, no que diz respeito às relações étnico raciais e de gênero. Seu apelido e a aura de respeitabilidade construída ao seu redor.

Nega Brechó é uma mulher negra. De acordo Lélia Gonzalez, uma dessas mulheres *anônimas*⁴ nas páginas da história, que desde a década de 70, se vincula a um time de futebol e que reflete, em larga medida, as dinâmicas de socialização da coletividade em que ela se insere e que ela representa. Perspectiva em acordo com o que propôs Guedes ao afirmar que “nestas redes de sociabilidade joga-se e negocia-se, para além do futebol, valores, ideias, informações sobre o mercado de trabalho e sobre locais de moradia”. Pois, apesar da exacerbação dos atributos “masculinos de potência e

1 Resumo apresentado na XIV Reunião de Antropologia do Mercosul, 2023. E texto completo selecionado para coletânea de aniversário do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social PPGAS/UFG

2 Historiadora pela Universidade Federal de Goiás mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia social/UFG, doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social PPGAS/UFG. Professora?formadora pelo Instituto Verbena UFG em parceria com o Ministério da Justiça.

3 Documentário, curta metragem, realizado pelos alunos do curso de Fotografia, da FASAM-Faculdade Sul Americana de Goiânia, que retrata sobre a lealdade da torcida de um dos maiores times de futebol de Goiás, que tem uma das maiores torcidas, o Vila Nova Futebol Clube. Depoimentos de dirigentes, ex-dirigentes, torcedores fiéis e um dos ícones do clube, Nega Brechó.

4 Lélia Gonzalez

virilidade” reivindicados por torcidas nos campos de futebol brasileiros ao longo de décadas, paradoxalmente o ato de torcer nasceu de gestualidades dos corpos femininos, em sua maioria esmagadora branca, do séc. XX, que mobilizaram os cronistas esportivos da época a inventarem um nome para aquelas que torciam seus lenços durante uma partida de futebol: torcedoras. Tornando a Nega Brechó, uma figura no mínimo, historicamente paradoxal.

A mulher negra anônima, sustentáculo econômico, afetivo e moral [...], desempenha o papel mais importante [na resistência], exatamente porque, com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência, transmite a nós [...] o ímpeto de não nos recusarmos à luta [...]. Mais ainda porque, apesar da pobreza, da solidão, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação... (GONZALEZ, 1983, p. 64 — grifos meus)

Existem várias abordagens antropológicas que podem contribuir para uma compreensão mais abrangente e aprofundada da representatividade. Em acordo com Simoni Lahud Guedes (1998), as principais lições para os/as antropólogos/as que se apropriam do Esporte como pano de fundo para análises e reflexões é a de que não se limitem a analisar as dinâmicas internas do campo. A tarefa, muito mais desafiadora que isso, deverá ser também a de historicizar a cronologia própria do esporte e antropológicamente perceber como essa realidade específica se relaciona com o mundo que nos circunscreve, estabelecendo a partir daí relações com ele. Seria, em última análise, considerar o esporte como ponto de partida importante para compreendermos, além do próprio esporte, também o mundo.

Sendo assim, para este ensaio, a proposta é de produzir uma análise antro-po-histórica e fronteiriça. Ou seja, onde dialoguem as possibilidades dentro da própria Antropologia, em diálogo direto com a História e suas ferramentas.

Me apropriarei de conceitos e métodos que propõe a antropologia simbólica, que enfatiza o estudo dos significados e símbolos culturais. Já que a representatividade também é vista como um processo simbólico, no qual determinados símbolos, imagens e discursos são utilizados para construir e comunicar ideias sobre determinados grupos ou identidades. E a antropologia simbólica busca analisar como esses símbolos são produzidos, interpretados e contestados em diferentes contextos culturais. antropologia feminista e de gênero, pois essa abordagem analisa como as relações de gênero influenciam a representatividade. Ela destaca as desigualdades de gênero na construção e reprodução

de representações sociais e políticas. A antropologia feminista e de gênero também investiga as estratégias e resistências adotadas por mulheres e outros grupos marginalizados para desafiar estereótipos e obter uma representação mais inclusiva. A Antropologia pós-colonial, uma vez que essa abordagem examina as relações de poder e as hierarquias globais que moldam as representações de grupos colonizados ou marginalizados. Questionando as formas como a representatividade foi historicamente construída dentro de um contexto de dominação e exploração colonial, buscando entender como essas dinâmicas continuam a afetar as representações contemporâneas. A antropologia da performance, pois essa abordagem enfoca as práticas performativas através das quais a representatividade é criada e contestada. Ela examina rituais, cerimônias, performances artísticas e outras formas de expressão cultural como arenas em que identidades e representações são negociadas e transformadas. Permitindo analisar como a representatividade é construída e experimentada no contexto das práticas sociais e culturais. (ORTNER,2011;2016)

E por fim, me apoiarei no que propõe o aparato teórico-metodológico da História Oral, pois ao utilizar a história oral, é possível a escuta desses grupos historicamente negligenciados, permitindo que suas experiências e perspectivas sejam incluídas na narrativa histórica mais ampla. Isso é particularmente importante para garantir a representatividade histórica entendendo como ela se estabelece nos imaginários e combater o apagamento de histórias e identidades, nomeados por Sueli Carneiro de epistemicídio ontológico⁵ (2005) Ao abordar o epistemicídio, Sueli Carneiro contribui para o debate sobre a representatividade, a justiça cognitiva e a transformação social. Ela enfatiza a necessidade de reconhecer e dismantelar as estruturas de poder que perpetuam a exclusão e a marginalização do conhecimento produzido pelas comunidades negras, buscando uma sociedade mais inclusiva e justa.

Com o caminho a ser percorrido estabelecido, vamos a descrição do nosso objeto de análise, para buscarmos refletir a respeito da representatividade étnico racial e de gênero construídas a partir do imaginário estabelecido a respeito da nossa ilustre anônima, Nega Brechó, em Goiânia. O documentário "A Cor da Lealdade é Vermelho e Branco - Vila Nova Futebol Clube"⁶ é um curta-metragem produzido em 2018, pelos alunos do curso de Fotografia da FASAM - Faculdade Sul

5 O termo "epistemicídio" foi cunhado por Sueli Carneiro para descrever o processo sistemático de desvalorização, negação e destruição do conhecimento produzido por grupos historicamente marginalizados, especialmente no contexto do conhecimento produzido pela diáspora africana e pelos povos negros. Segundo Carneiro, o epistemicídio é uma forma de violência que nega a validade e a relevância do conhecimento e das experiências das pessoas negras. Ela argumenta que a história, a cultura, a sabedoria e as contribuições intelectuais dos povos negros têm sido sistematicamente marginalizadas e excluídas do cânone acadêmico, científico e cultural dominante.

6 Link para acesso ao documentário https://www.youtube.com/watch?v=55GIU9ku_bc

Americana de Goiânia. Amplamente divulgado entre a torcida vilanovense. O filme retrata a lealdade da torcida do Vila Nova Futebol Clube, um dos maiores times de futebol de Goiás, conhecido por ter uma das maiores torcidas do estado. O documentário constrói sua narrativa a partir reunião de fotos, vídeos e reportagens a respeito do time, depoimentos de dirigentes, ex-dirigentes, da sua torcida e de pessoas não vinculadas ao futebol, vinculadas às mídias goianas a partir da década de 70 e o principal, traz a Nega Brechó falando sobre si mesma e seu envolvimento com o time e a cidade de Goiânia.

O documentário inicia com imagens da torcida vilanovense, em dia de jogo, no estádio Serra Dourada e logo em seguida, são feitas entrevistas com torcedores e torcedoras que estão ali. A variação de idade observada é 25 anos e 70 anos de idade. De diversificada aparência étnico racial. A pergunta que dá início a interação é a de “como se tornaram torcedores/ torcedoras do Vila Nova”. E à sua maneira, cada um descreve seu encontro com o Vila Nova em suas infâncias e adolescências, por via da influência familiar e de convivência comunitária. Por identificação após migração, a maioria do nordeste brasileiro. E tanto homens, quanto mulheres, trazem a presença da Nega Brechó, como parte dessas narrativas. Com destaque, para uma parcela significativa das mulheres entrevistadas, que evocam a figura da Nega Brechó como precursora da ocupação feminina naquele espaço ao exaltarem a alegria e a importância de estarem no estádio.

Na segunda metade do documentário, temos a entrevista com a própria Nega Brechó. Que ao falar de si, de forma terna e forte, desmistifica as narrativas populares sobre ela e traz nas entrelinhas, a violência racial e de gênero que atravessa e marca sua história. Assim como suas gingas e negociações para resistir ao racismo e (co)existir como mulher e negra, em Goiás e no cenário futebolístico goianiense da década de 70 até os dias de hoje.

De acordo com que fui assistindo ao documentário, fui (re)conhecendo a Nega Brechó e entendendo a trama sócio histórica qual ela se insere desde a década de 70 em Goiás. E algumas categorias e conceitos construídos a partir do aparato antropológico escolhido, foram se organizando em minha mente. Representatividade, performance, imaginário simbólico, imagens de controle, racismo recreativo, resignificação. E será através dessas categorias e conceitos que buscarei a seguir, analisar antropológicamente a simbologia contida no apelido Nega Brechó e na aura de respeitabilidade construída ao redor dessa torcedora símbolo.

*“Negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido... ao gosto deles.”
disse Lélia Gonzalez.*

A mulher, torcedora símbolo, conhecida pelo apelido “Nega Brechó” é Joelma Fernandes de Oliveira, mulher cisgênero, negra, nascida em 12 de setembro de 1959, mãe, avó, proprietária do restaurante Cantinho da Nega, no Setor Leste Universitário, em Goiânia/GO. Seu apelido foi dado em meados da década de 70. E foi inspirado em um personagem do artista e humorista, Chico Anysio. Nega Brechó Azambuja é uma personagem criada e interpretada pelo comediante Chico Anysio. A personagem era uma mulher negra de origem humilde, representando uma figura estereotipada e caricaturada. Esse tipo de representação é considerada ofensiva e perpetua estereótipos racistas.

De uma perspectiva antropológica, é importante reconhecer que o humor e as representações cômicas possuem um valor cultural significativo e refletem atitudes e percepções da sociedade. Tais retratos podem moldar e reforçar as hierarquias sociais existentes e as dinâmicas de poder. A personagem de Nêga Brechó Azambuja, com o uso de estereótipos raciais, exemplifica os desafios históricos e contínuos enfrentados por grupos marginalizados, principalmente afrodescendentes, em termos de representação e inclusão na grande mídia (MOREIRA, 2019) Diferentemente das concepções de muitos atores sociais, é importante compreender que o humor não surge espontaneamente como resultado de ideias isoladas na mente das pessoas. As piadas contadas são, na verdade, produtos culturais que expressam sentidos e significados culturais presentes em uma determinada sociedade. Nesse sentido, o humor não pode ser dissociado do contexto social no qual ele existe. A produção do efeito cômico depende dos significados culturais presentes nas mensagens que circulam nas interações entre os indivíduos, sendo, portanto, uma forma de expressão do status cultural desfrutado pelas pessoas em uma determinada comunidade.(MOREIRA, 2019)

Ao realizar uma análise histórica das produções humorísticas em nossa sociedade, é possível observar que elas frequentemente reproduziram ideias pejorativas em relação às minorias raciais, sendo utilizadas para legitimar tratamentos injustos direcionados a esses grupos em outras situações. Desse modo, o humor não se limita a simples mensagens que provocam risos, mas assume a forma de um mecanismo que contribui para a legitimação de arranjos sociais existentes. Os estereótipos pejorativos associados a minorias raciais expressam entendimentos sobre os lugares que diferentes grupos sociais devem ocupar, as supostas características atribuídas a essas pessoas, os limites de sua participação na estrutura política, a valoração cultural que lhes é permitida almejar e até mesmo as oportunidades materiais às quais podem ter acesso. (HIRANO, 2013) Esses estereótipos são nomeados por Patricia Hill Collins, por *imagens de controle*. E podem ser consideradas elementos culturais que refletem a hierarquia social e as relações de dominação em uma determinada sociedade. Essas imagens são criadas, perpetuadas e disseminadas por meio de processos culturais, como

linguagem, mídia, arte, práticas discursivas e instituições sociais. Na perspectiva antropológica, as imagens de controle podem ser analisadas como representações simbólicas que sustentam e justificam desigualdades sociais, estruturas de poder e alicerçam o imaginário coletivo.

O que explica diretamente, o uso alargado na década de 90, em Goiânia, do apelido dado a Joelma. Toda menina negra, que não possuía personalidade subserviente era apelidada, de forma zombeteira, no intuito de constrangimento e controle, de “neguinha brechó”. Eu fui uma “neguinha brechó”, dentro desse “imaginário simbólico”⁷. (HARRISON, 2010)

Geertz (1973) usou a metáfora do "teatro da vida social" para descrever como os símbolos e os significados culturais são desempenhados e encenados pelos indivíduos em suas interações sociais. Ele argumentou que essas performances simbólicas são fundamentais para a construção e negociação da realidade social. De acordo com a abordagem do imaginário simbólico, os símbolos não são apenas meras representações, mas também influenciam e moldam a forma como as pessoas percebem o mundo ao seu redor. Eles desempenham um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva, na organização social, nas práticas rituais, nas formas de pensamento e nas relações com o sagrado. O imaginário simbólico refere-se à dimensão cultural e social que envolve a criação e a interpretação de símbolos, significados e representações coletivas. Esses símbolos podem incluir mitos, rituais, imagens, narrativas e outros elementos culturais que desempenham um papel na construção e comunicação do conhecimento e da identidade em uma determinada sociedade ou grupo. (GEERTZ, 1973; HARRISON, 2010)

Nega Brechó resistiu a toda essa violência simbólica, ressignificando cotidianamente seu apelido ao longo do tempo, fazendo com que ele representasse respeito. “Não se entra no estádio sem cumprimentar a Nega Brechó. Não se briga no estádio quando a Nega Brechó está. Não se é desrespeitoso no estádio, pois a Nega Brechó, descia o braço. Em todos os grandes eventos do futebol goiano, são maiores porque a Nega Brechó está.” Essa respeitabilidade teve seu preço. Ao observarmos mais de perto, a partir das frases ditas por torcedores no documentário abordado, vemos que Nega Brechó para ressignificar seu lugar-apelido, passou por um processo de masculinização no imaginário coletivo. Sendo associada a violência. Nesse sentido, a análise antropológica da representatividade, ancorada na teoria feminista negra e na interseccionalidade, permite compreender como as identidades étnico-raciais e de gênero são construídas e negociadas no contexto específico

⁷ Faye Harrison é uma antropóloga que tem investigado as relações entre racismo, cultura e imaginário simbólico. Seu trabalho aborda as maneiras pelas quais as representações culturais e os símbolos são utilizados para construir identidades raciais e étnicas, e como essas representações podem perpetuar ou desafiar as desigualdades raciais.

de Goiânia. O que nos faz resgatar historicamente e constata contemporaneidade a célebre frase de Sojourner Truth “E eu, não sou uma mulher?” (1851). Onde podemos entender que ela estava questionando as normas culturais e as percepções dominantes sobre o papel das mulheres na sociedade, que, incisivamente, exclui as mulheridades negras. Sojourner Truth, expressa uma reivindicação de reconhecimento da identidade e da experiência das mulheres negras. Assim como Nega Brechó, só que está, no cotidiano presente, como um desafio às narrativas dominantes que excluem e invisibilizam as mulheres negras, negando-lhes a humanidade e os direitos que são naturalmente estendidos a outras mulheres.

O que me leva a responder a questão levantada no início deste ensaio de refletir antropológicamente se a categoria Representatividade é uma possível via de compreensão da construção das identidades étnico-raciais e de gênero em Goiânia, capital de Goiás. Tendo como pano de fundo a História e a Antropologia do Esporte no Brasil (com destaque para o Futebol) e a História das Mulheres em Goiás. Por via do aparato teórico/metodológico da interseccionalidade, proposto pela teoria feminista negra. Em diálogo direto com a produção pioneira da Antropologia do Esporte, Simoni Lahud Guedes.

Em termos gerais, a antropologia aborda a representatividade como uma construção social e cultural. Isso significa que a forma como as pessoas são representadas em determinados contextos é influenciada por fatores culturais, políticos, econômicos e históricos. A antropologia busca entender como essas representações são produzidas, reproduzidas e contestadas, e como elas afetam as relações de poder e a identidade das pessoas.

Então, de certa forma, a resposta é sim. A categoria da representatividade pode ser uma via importante para compreender a construção das identidades étnico-raciais e de gênero. A representatividade refere-se à presença e participação de pessoas de diferentes grupos em diversos aspectos da sociedade, como mídia, política, cultura, educação e outros espaços sociais, como no campo esportivo. Quando se trata de identidades étnico-raciais e de gênero, a representatividade desempenha um papel crucial na forma como essas identidades são moldadas e percebidas.

A representatividade étnico-racial envolve a inclusão e o reconhecimento de pessoas de diferentes origens étnicas e raciais nos espaços de poder e influência. Através da representatividade, as vozes e experiências desses grupos são trazidas para o centro do discurso público, desafiando estereótipos e promovendo uma compreensão mais rica e complexa da diversidade humana. Isso ajuda a combater a marginalização e a discriminação, ao mesmo tempo em que fortalece a autoestima e a identidade positiva das pessoas e grupos.

Da mesma forma, a representatividade de gênero é fundamental para a compreensão das identidades de gênero e para a promoção da igualdade de gênero. A participação equitativa de mulheres e pessoas de diferentes identidades de gênero em todos os setores da sociedade desafia as normas tradicionais e estereótipos de gênero, permitindo uma gama mais ampla de expressões e possibilidades identitárias. (RÊGO,2021) Através da representatividade, as pessoas podem ver modelos e referências que se assemelham a elas mesmas, o que contribui para uma maior aceitação e respeito por diversas identidades de gênero.

A representatividade e o imaginário simbólico são conceitos interligados que se relacionam com a construção de identidades individuais e coletivas na sociedade. (HARRISON, 1995) Envolve a inclusão e o reconhecimento de pessoas de diferentes origens étnicas, raciais, culturais, de gênero, orientação sexual, entre outras, para que suas vozes e experiências sejam refletidas e consideradas.

O imaginário simbólico, por sua vez, diz respeito às representações e significados simbólicos que são atribuídos a determinados grupos sociais, identidades e culturas. Engloba símbolos, narrativas, estereótipos, mitos e imagens que influenciam a percepção e a compreensão coletiva desses grupos. A representatividade e o imaginário simbólico estão interligados porque as representações simbólicas desempenham um papel importante na formação do imaginário coletivo de determinado grupo social. (GEERTZ, 1973; HARRISON, 2020) As representações positivas e inclusivas podem promover a identificação, o orgulho e a valorização de uma comunidade, enquanto as representações negativas ou estereotipadas podem reforçar preconceitos e marginalização. A falta de representatividade adequada pode resultar na marginalização e na exclusão de certos grupos, limitando suas oportunidades de participação e influência na sociedade. Por outro lado, uma representatividade mais ampla e precisa pode contribuir para uma sociedade mais inclusiva, equitativa e justa.

Assim, a luta pela representatividade está intimamente ligada à desconstrução e reconstrução do imaginário simbólico dominante, buscando desafiar estereótipos e promover narrativas mais plurais e autênticas sobre os diferentes grupos sociais. Isso envolve a valorização da diversidade, o empoderamento dos grupos marginalizados e a criação de espaços que permitam a expressão e a visibilidade de suas experiências e perspectivas.

No entanto, é importante destacar que a representatividade é apenas uma parte do processo de construção das identidades étnico-raciais e de gênero. Embora seja um passo significativo em direção à inclusão e à igualdade, é necessário também abordar questões estruturais e sistêmicas que perpetuam a desigualdade e a opressão. Isso envolve políticas e práticas que visam a justiça social, a equidade e

a transformação das estruturas de poder existentes. A representatividade é um componente importante nesse processo, mas não é suficiente por si só.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. 1. ed - São Paulo: Boitempo, 2019. See More
- GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro:LTC,1989.
- GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, p. 223-244, 1984.
- HARRISON, Faye Venetia (Ed.). Decolonizing Anthropology: Moving Further toward an Anthropology for Liberation. Third edition. Arlington, Virginia: American Anthropological Association, 2010.
- Harrison, F. V., & Goncalves Junior, S. . W. P. (2020). FROM "OUTSIDER WITHIN" TO "OUTSIDER WITH US". Interfaces Científicas - Educação, 8(2), 315–353. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n2p315-353>
- HIRANO, Luis Felipe Kojima. Uma interpretação do cinema brasileiro através de Grande Otelo: raça, corpo e gênero em sua performance cinematográfica (1917-1993). 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-14112013-122614. Acesso em: 2023-06-02.
- MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ORTNER, Sherry. Teoria na Antropologia desde os 60. In: Mana, 17(2), 2011.

ORTNER, Sherry. Dark Anthropology and the other: theory since the eighties. In: *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, 6(1), 2016.

RÊGO, Y. L. P. “Combinamos de não morrer”: transfobia, racismo e resistência à necropolítica entre pessoas trans negras em Goiás. 2021. 132 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.